

## Trabalho Alienado, Trajetórias Não Hegemônicas de Desenvolvimento e Capitalismo. O que *A metamorfose* de Kafka tem a nos dizer sobre isso?<sup>1</sup>

Fabício Santos Dias de Abreu<sup>2</sup>, Daniele Nunes Henrique Silva<sup>3</sup>, Marina Teixeira Mendes de Souza Costa<sup>4</sup>, Fabiana Luzia de Rezende Mendonça<sup>5</sup>

### Resumo

Este artigo reflete sobre as condições de trabalho no capitalismo articulado às trajetórias não hegemônicas de desenvolvimento a partir de uma análise crítica da obra *A metamorfose*, de Franz Kafka (1883-1924), que descortina de modo criador, e ao mesmo tempo contundente, a crise na sociedade contemporânea. Defende-se que tais questões interligam-se na trama, tendo como cerne o drama vivenciado por Gregor Samsa, narrador-protagonista que um dia acorda transformado em um inseto. A metamorfose traz uma série de impeditivos, restando a segregação social e o extermínio de Gregor. Nesse contexto analítico, destacam-se os processos de alienação na sociedade burguesa articuladas: 1) à perda do sentido de ente-espécie, advogado por Marx; e 2) aos padrões hegemônicos de uma dita normalidade. Na conclusão, aponta-se como as condições de vida no capitalismo conduzem ao silenciamento pela opressão e ao apagamento subjetivo.

Palavras-chave: Kafka, Trabalho, Alienação, Capitalismo, Desenvolvimento, Deficiência.

---

1 Texto escrito em Português do Brasil.

2 Secretaria de Educação do Distrito Federal. Centro Universitário Estácio de Brasília, Brasil.  
E-mail: fabra201@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3055-5704>

3 Universidade de Brasília, Brasil.  
E-mail: daninunes74@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8174-2967>

4 Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, Brasil.  
E-mail: mtmscosta@hotmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6822-8261>

5 Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, Brasil.  
E-mail: fabianaluzia.rezende@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6585-0020>

## **Alienated Labor, Non-Hegemonic Development Trajectories and Capitalism. What does Kafka's *Metamorphosis* has to tell us about this?**

### **Abstract**

This article reflects on the conditions of work in capitalism articulated to non-hegemonic trajectories of development, based on a critical analysis of the work *The Metamorphosis*, by Franz Kafka (1883-1924), which unveils the crisis in modern society in a creative and at the same time blunt way. We argue that these issues are interconnected in the plot, having at its core the drama experienced by Gregor Samsa - narrator-protagonist - who wakes up one day having been transformed into an insect. The metamorphosis brings a series of impediments: social segregation and Gregor's extermination. In this analytical context, we highlight the alienation processes in bourgeois society articulated: 1) to the loss of the sense of being-species, advocated by Marx; and 2) to the hegemonic standards of so-called normality. In conclusion, we point out how the conditions of life in capitalism lead to silencing through oppression and subjective erasure.

Keywords: Kafka, Labor, Alienation, Capitalism, Development, Disability.

## **Trabajo Alienado, Trayectorias de Desarrollo no Hegemónicas y Capitalismo. ¿Qué nos tiene para decir *La Metamorfosis* de Kafka sobre esto?**

### **Resumen**

Este artículo reflexiona sobre las condiciones de trabajo en el capitalismo articulado a trayectorias no hegemónicas de desarrollo, a partir de un análisis crítico de la obra *La Metamorfosis*, de Franz Kafka (1883-1924), que desvela la crisis de la sociedad moderna de forma creativa y, al mismo tiempo, contundente. Se sostiene que tales cuestiones están interconectadas en la trama, que tiene como núcleo el drama vivido por Gregor Samsa, narrador-protagonista que un día se despierta transformado en insecto. La metamorfosis trae consigo una serie de impedimentos, quedándole solo la segregación social y el exterminio de Gregor. En este contexto analítico, se destacan los procesos de alienación en la sociedad burguesa articulados: 1) a la pérdida del sentido de ser-especie, defendido por Marx; y 2) a los estándares hegemónicos de una supuesta normalidad. En la conclusión, se señala cómo las condiciones de vida en el capitalismo conducen al silenciamiento, a través de la opresión, y al borramiento subjetivo.

Palabras clave: Kafka, Trabajo, Alienación, Capitalismo, Desarrollo, Discapacidad.

## Introdução

Analisar uma obra do escritor tcheco Franz Kafka (1883-1924) é, sem dúvida, um desafio, tendo em vista que a estética desse autor foi tema de inúmeros e acalorados debates. Conforme sinaliza Nelson Cerqueira (2005), teóricos consagrados como Theodor Adorno (1903-1969), Jean-Paul Sartre (1905-1980), Gilles Deleuze (1925-1995), Félix Guattari (1930-1992), Walter Benjamin (1925-1992), entre outros, preocuparam-se em, à luz de suas teorias, refletir sobre a complexidade do universo kafkiano. Entre as diversas abordagens teóricas, parece ser consenso a relevância dos escritos de Kafka como forma de compreender as relações humanas e os dramas a elas subjacentes. Nas obras desse autor, há refinada análise e descrição dos sofrimentos que constituem os sujeitos da modernidade, pois sua literatura preocupa-se “com os conflitos, contradições, inconsistências, injustiças, preconceitos, fragmentação, enfim, com os elementos negativos dos tempos modernos” (Cerqueira, 2005, p. 20).

A novela *A metamorfose* (Kafka, 2017), objeto estético criador que retrata de forma profunda a crise do sistema capitalista na modernidade, foco de análise deste texto, foi escrita em 1912 e publicada em 1915. Nela, Kafka tece uma narrativa cronológica a partir dos episódios familiares transcorridos após o metamorfismo de Gregor Samsa para um inseto monstruoso. Samsa era um trabalhador comum, caixeiro-viajante, que desiste de seus sonhos para pagar dívidas de seus pais. A casa da família é o cenário escolhido para a ambientação da trama, que é dividida em três partes, quais sejam: a) a metamorfose de Gregor (com ênfase às adaptações à nova configuração corporal, bem como à receptividade da família e do seu empregador à sua nova condição); b) o deslocamento narrativo para questões mais subjetivas e de ordem afetivo-emocional do personagem; e c) o fim da vida de Gregor, marcada pela indiferença dos que o rodeiam.

Ressaltamos que, no primeiro instante, Gregor encontra certa tranquilidade nas relações familiares mais imediatas, sendo objeto de preocupação por aqueles que o rodeiam. Em seguida, a sua experiência passa a ser destacada pelo isolamento social, pelo desprezo e pelo sofrimento psíquico, mudança que decorre da metamorfose vivida pelo personagem. O drama da transformação de homem em inseto é o fio condutor do enredo, o qual é relatado por um narrador-protagonista, ou seja, sob o ângulo de Gregor. É por seus olhos que a narrativa é construída e os fatos apresentados. Essa forma peculiar de enxergar o mundo pode ser percebida nos tempos e ações da construção do texto – por vezes pormenorizadas e vagarosas. A novela transita pelo olhar humano do narrador (contínuo como se estivesse em um único plano) atravessado pela visão compartimentalizada do inseto; Gregor/inseto tem olhos compostos e enxerga a imagem em mosaico e de forma mais lenta.

A partir da leitura de *A metamorfose*, optamos por discutir duas questões centrais: 1) os aspectos que revelam a condição vulnerável do trabalhador no sistema capitalista; e 2) a trajetória de desenvolvimento não hegemônico – revelado em Gregor – como condição de apagamento da subjetividade. Ambas as análises se entrecruzam, sendo realizadas à luz do materialismo histórico-dialético.

## **O trabalho alienado no sistema capitalista e *A metamorfose***

A metamorfose de Gregor em inseto permite-nos pensar sobre vários aspectos da constituição subjetiva no sistema capitalista. Desde o começo da narrativa, observamos que ele é a peça de uma engrenagem: enquanto produz mais-valia como funcionário da empresa, é útil; enquanto paga as dívidas da família, é querido.

Essa situação, contudo, muda quando ele se transforma em inseto. Logo, Gregor causa repulsa e é enjeitado por aqueles que lhe são afetivamente importantes. Além de sua estranha aparência, Gregor não pode mais trabalhar e, conseqüentemente, deixa de ser o provedor da casa; a sua utilidade é colocada em xeque. O afastamento do mundo do trabalho desloca também suas relações de afeto e intimidade, o que lhe coloca em situação de vulnerabilidade e alienação. Se antes, quando detinha o domínio das finanças da família, ocupava lugar de destaque, após a transformação, restava-lhe um único espaço para existir: o quarto. Gregor, inseto, estava destinado a viver na clandestinidade. Sua presença precisava ser velada, escondida, pois sua forma corporal não correspondia à dos humanos considerados normais. Mais do que isso, ele não proporcionava proventos, nada produzia, e sua vida precisava ser suprimida. Enfim, para quê (e/ou a quem) Gregor servia?

Para responder a essa questão, um ponto merece ser destacado: o clímax do texto é direcionado para o despertar do personagem metamorfoseado. Acompanhamos Gregor em seu relato de que, após sonhos intranquilos, transformara-se em um inseto monstruoso. Assim, o que na literatura clássica viria por último aparece nessa novela logo nas primeiras linhas. Parece-nos ser uma opção de Kafka que o ato de conversão de homem em inseto não fosse o grande chamariz da trama, mas sim as relações sociais que se estabelecem a partir da metamorfose. Não importa ao autor explicar diretamente os fatos que levaram Gregor a tornar-se inseto, e sim o processo que se desenrola posteriormente ao grande acontecimento. De fato, o foco está em deslindar as relações de Gregor consigo mesmo e com aqueles que o rodeiam e, principalmente, os sofrimentos advindos dessas situações, destacando a problemática da sociedade moderna e do sistema capitalista.

Para entendermos as condições de vida do personagem principal, precisamos resgatar a conjuntura do capitalismo do início do século XX. Autores têm argumentado (Antunes, 2004; Lessa, 2012; Tonet, 2005) que tal conjuntura caracteriza-se por uma profunda exploração das condições de vida dos operários; a compra e a venda da força de trabalho por meio do assalariamento sofrível. Logo, aqueles que se mercantilizam em troca de uma remuneração para obter meios efetivos de subsistência experimentam uma posição de servidão ao patrão, e o trabalhador não tem qualquer domínio sobre o processo de produção. Karl Marx (2014) explica que, no modelo econômico capitalista, o trabalhador é expropriado e a sua natureza converte-se em trabalhar, não mais para agir e transformar o meio natural de modo livre e criador, mas sim para prover o sustento à sobrevivência da vida material.

Nas palavras de Marx, “o trabalhador produz maravilhas para os ricos, mas produz privações para o trabalhador. Produz palácios, mas cavernas para o trabalhador. Produz beleza, mas deformação para o trabalhador” (2014, p. 82). Isso significa dizer que temos, de um lado, os donos dos meios de produção – os burgueses – e, de outro, aqueles que fabricam a riqueza – os proletários.

Consequentemente, o trabalho deixa de ter como finalidade a produção de bens e artefatos dos quais o ser humano necessita diretamente, sendo o próprio trabalhador também transformado em uma mercadoria, em um processo de reificação (Mendonça, 2018). Nesse contexto, impede-se que esse trabalhador participe ativamente ou se reconheça nos processos fundamentais que envolvem sua atividade (planejamento, execução e resultado) (Húngaro, 2008). Daí decorre um processo de alienação da essência criadora do ser humano por meio do trabalho, pois ela é deformada por uma relação que ocorre fora do sujeito que desenvolve sua atividade, uma vez que esta é desconectada de suas reais necessidades. O foco está voltado para fins de reprodução do capital. Assim, o trabalhador vê-se obrigado a trabalhar de forma acelerada para aumentar a concentração de renda nas mãos da burguesia. Nessa lógica, conforme demonstrado por Kafka, na história de Gregor, um simples atraso é lido pelo patrão como “ostentar estranhos caprichos” (2017, p. 24).

Nessa concepção, a capacidade humana é reduzida à força de trabalho do operário cujo preço é o salário, que é necessário para sua subsistência. Sobre isso, diz Gregor: “Se não me contivesse, por causa dos meus pais, teria pedido demissão há muito tempo; teria me postado diante do chefe e dito o que penso do fundo do coração. Ele iria cair de sua banca” (Kafka, 2017, p. 15).

Nos *Manuscritos econômico-filosóficos*, Marx (2014) demonstra que na sociedade capitalista a produção e as relações sociais são regidas por uma ideologia de exploração, sendo as dinâmicas de trabalho marcadas pelo estranhamento e pela

alienação, como será discutido adiante. O sujeito afasta-se daquilo que produz, da sua relação com a natureza e do próprio gênero. Conforme explica Marx (2014), nessa forma de atividade, o trabalho desloca-se de lugar ontológico, fundante do ser social, e passa a ocupar espaço de sofrimento, impotência, mortificação e aniquilação da energia física/mental destinada à produção da vida pessoal e material. O operário resume-se a apenas uma peça na complexa engrenagem de produção e manutenção do capital. Em sua falta, é facilmente substituído por outra peça-sujeito.

Nisso, a realização do trabalho materializa-se por meio de um mecanismo objetivo e, ao mesmo tempo, subjetivo de dependência do trabalhador. Por exemplo, Gregor quer se demitir, mas precisa se conter devido à dependência financeira dos pais. O capital age nessa fragilidade e por meio de diversos outros mecanismos opressivos, tornando-se cada vez mais difícil romper com as suas amarras. Gregor deseja rescindir com essa lógica, porém as suas condições objetivas de vida não lhe permitem: “me é imposta essa cansaça de viajar, a preocupação com a troca de trens, as refeições irregulares e ruins, um convívio humano que muda sempre, jamais perdura, nunca se torna caloroso. O diabo que carregue tudo isso” (Kafka, 2017, p. 14).

Outro fato interessante que a obra de Kafka denuncia refere-se aos sentimentos contraditórios que surgem na relação empregado-patrão. Gregor exauriu-se do trabalho que exerce e, por essa razão, pretende pedir demissão e “dizer tudo o que pensa do fundo do coração” (Kafka, 2017, p. 15) ao chefe. Porém a vontade é suprimida pelas condições do personagem, que precisa assumir diferentes, e contraditórios, papéis sociais. Por ser caixeiro, necessita viajar, e essa ação lhe é ora fatigante, ora prazerosa: “Bem, senhor gerente, o senhor está vendo que não sou teimoso e que gosto de trabalhar; viajar é fatigante, mas não poderia viver sem viajar” (Kafka, 2017, p. 30).

Na subjetividade, Gregor sente-se indignado com as formas de dominação que a empresa exerce sobre ele. Todavia, no âmbito público, as figuras de poder (o gerente e o patrão) precisam ser bajuladas para garantir o emprego. Assim, diz ele: “tenha a bondade de dizer isso e de apresentar minhas recomendações ao senhor chefe” (Kafka, 2017, p. 26); e “o gerente precisava ser retido, tranquilizado, persuadido e finalmente conquistado” (Kafka, 2017, p. 32).

Os personagens de *A metamorfose* encontram-se imersos nessa lógica, constituindo-se na ideologia de classe que caracteriza a sociedade burguesa. Gregor, por exemplo, produz a riqueza por meio do seu ofício de caixeiro, porém é expropriado, pois o resultado de seu trabalho segue para as mãos dos proprietários dos meios de produção. Por não possuir meios produtivos de prover sua existência básica, o trabalhador vende a sua mercadoria: a força de trabalho. Nisso reside uma tensão que coloca patrões e empregados em posições opostas de interesse e engendra

níveis de dominação e opressão específicos pelo viés do capital e da exploração do homem pelo homem.

A força de trabalho de Gregor é, portanto, oferecida ao dono da firma, vendida a preço módico, porque existe a necessidade da sobrevivência, ao assumir as finanças e dívidas familiares após a falência dos negócios do pai. Gregor não se sente realizado e plenamente identificado com o ofício que realiza, pois sua vida é coisificada; a riqueza que produz pertence à firma, e o salário que ganha vai para a família. A partir de uma análise lukacsiana, Norma Alcântara (2014) afirma que a problemática da alienação repousa justamente na antítese dialética entre o desenvolvimento das forças produtivas e o desenvolvimento das individualidades sociais. Nesse sentido, pode-se afirmar que – mesmo quando o desenvolvimento das forças produtivas significa uma certa correlação com o desenvolvimento das capacidades humanas –, em uma sociedade de classes, o que se sobressai é o sacrifício da maioria das pessoas e, conseqüentemente, uma limitação (se assim podemos afirmar) do desenvolvimento potencial de suas subjetividades (Mendonça, 2018).

Observamos que Gregor é um objeto, pois sua vida é roteirizada tal qual uma máquina: acorda, pega o trem e sai para vender os produtos. O personagem não tem domínio sobre si, pois é “uma criatura do chefe, sem espinha dorsal ou discernimento” (Kafka, 2017, p. 16). É curioso notarmos que, ao acordar metamorfoseado, as preocupações de Gregor não são em entender o que aconteceu ou apavorar-se pela condição do seu corpo; ele se desestabiliza porque percebe que não tem condições de ir ao trabalho. Isso se agrava quando recebe a visita inquisidora do gerente em sua residência. “É alguém da firma – disse a si mesmo e quase gelou, enquanto as perninhas dançavam mais rápido por causa disso” (Kafka, 2017, p. 21).

Percebemos, então, que o mundo do trabalho assume uma dimensão organizadora da vida de Gregor, ao ponto de nem mesmo essa fatalidade lhe ser permitida. Diante de sua metamorfose, Gregor pensa em justificar a ausência do trabalho pelo acometimento de uma suposta doença, e o simples fato de anunciar ao chefe essa possível doença coloca-o em situação de desconforto. Isso porque, segundo o texto, para os médicos “só existem pessoas inteiramente sadias, mas refratárias ao trabalho” (Kafka, 2017, p. 10).

Ao analisar outro herói kafkiano, Adolfo Vázquez (1968) pontua que Joseph K., de *O processo* (Kafka, 2005), escrito em 1920, vivencia condições análogas às de Gregor. Em ambos os personagens, notamos que “seu ser se esgota em ser funcionário” (Vázquez, 1968, p. 159). Isso se reforça quando, em *A metamorfose*, a fala materna refere-se ao filho metamorfoseado como: “esse moço não tem outra coisa na cabeça a não ser a firma” (Kafka, 2017, p. 23).

Toda essa conjuntura apresentada até aqui mostra que, na história de Gregor, o trabalho deixou de ser uma atividade vital, que transforma e cria o mundo objetivo e o próprio homem, assumindo contornos de alienação e sofrimento. Nesse contexto, o sujeito não se reconhece mais. Isso é fortemente percebido nas relações sociais, que tendem a ser cada vez mais mecânicas e distantes, que se materializam, conforme citamos anteriormente, em um “convívio humano que muda sempre, jamais perdura, nunca se torna caloroso” (Kafka, 2017, p.14).

De fato, ao separar-se do projeto resultado de seu trabalho, o ser humano vê-se limitado em seus processos de constituição subjetiva. O não reconhecimento de si como ser humano genérico, como alguém que é criador da sua própria realidade, participante de uma totalidade, torna-o um ser estranho ao outro e a si mesmo. Aqui, vale ressaltar a preocupação do patrão de Gregor: o prejuízo que sua falta-atraso pode ocasionar para os ganhos da empresa. A pessoa do Gregor não existe, não tem necessidades próprias e subjetivas.

Para Marx (2014), quando os homens reduzem o resultado do seu trabalho à manutenção da vida física, eles se assemelham aos animais. O autor adverte:

Em primeiro lugar, ele [o homem] aliena a vida da espécie e a vida individual, e posteriormente transforma a segunda, como uma abstração, em finalidade da primeira, também em sua forma abstrata e alienada. Pois, trabalho, *atividade vital*, *vida produtiva*, agora aparecem ao homem apenas como *meios* para a satisfação de uma necessidade, a de manter sua existência física [grifos originais] (Marx, 2014, p. 84).

Marx continua: “O animal identifica-se com sua atividade vital. Ele não distingue a atividade de si mesmo. Ele é *sua atividade*” [grifo original] (2014, p. 82). A atividade consciente, por outro lado, distingue o homem dos animais e torna-o um ente-espécie. Isso quer dizer que a sua atividade é livre. Ocorre que, no trabalho alienado, a lógica subverte-se, “pois o homem, sendo um ser autoconsciente, faz de sua atividade vital, de seu *ser*, unicamente um meio para sua *existência*” [grifos originais] (Marx, 2014, p. 82).

Numa extrapolação analítica à obra kafkaniana, não seria interessante indagar por que Kafka escolhe como elemento central de sua novela a metamorfose de Gregor em um inseto? Não seria interessante pensar que a escolha de Kafka reflete a passagem da condição humana à condição animal por meio do trabalho alienado? Em outras palavras: Gregor se transforma em animal porque perde-se de si, tornando-se um prisioneiro de uma existência estranhada? Ou aliena-se de tal forma de si que objetivamente se transforma em um inseto?

Os elementos trazidos por Marx fazem-nos acreditar que existe uma íntima relação entre metamorfose, sociedade moderna, avanço do capitalismo e a relação entre o humano e o animal a partir do trabalho alienado. Parece-nos que os elementos denunciam a situação conflituosa vivida por Gregor. Poderíamos depreender também que Kafka denuncia a opressão dos trabalhadores na sociedade organizada em classe.

Nossos argumentos vão ao encontro aos de Vázquez (1968) ao afirmar que na obra de Kafka é possível verificar uma inclinação por aqueles que, pelo capitalismo, têm sua personalidade apagada numa forma de trabalho estranhado. Como trabalhador de uma companhia de seguros contra acidentes (Cerqueira, 2005; Vázquez, 1968), o literata tcheco possivelmente vivenciou uma série de situações em que a injustiça social e a burocratização da vida fez-se presente, vendo “a desumanização e a dor por ela engendrada” (Vázquez, 1968, p. 165).

As contradições entre o mundo do trabalho e a constituição dos sujeitos parecem estar muito próximas a Kafka. O que escreve em *A metamorfose* não está desprendido da sua história de vida. Podemos fazer essa inferência ao acessarmos seus diários, transcritos em trechos na obra de Vázquez (1968), na qual o escritor lamenta-se por não poder se dedicar à sua produção literária, pois necessita prover sua subsistência material por meio do assalariamento.

Estou empregado numa agência de seguros sociais. Ora, estas duas profissões não se podem nunca conciliar, nem conformar-se de um modo equitativo. A menor felicidade numa delas equivale a uma grande desgraça na outra. Se uma noite escrevo algo bom, no dia seguinte queimo no escritório e não posso fazer nada (Kafka como citado em Vázquez, 1968, p.150).

Para além do que já discutimos até aqui, podemos dizer que *A metamorfose* é uma narrativa a partir do olhar dos explorados, dos alienados, bem como das violações à dignidade da pessoa humana. Kafka mostra-nos que as relações sociais são mediadas por mecanismos assimétricos de poder-dominância, em que as condições de vida de grupos em situações de exploração são destituídas dos meios suficientes para uma sociabilidade plena e uma vivência emancipada.

Uma outra via possível de análise para a novela em questão e dos dramas vivenciados por Gregor diz respeito às discussões que envolvem as noções de trajetórias de desenvolvimento não hegemônicas, corpo e padrão de normalidade, que serão abordadas a seguir.

## **Trajetórias de desenvolvimento não hegemônicas no sistema capitalista e *A metamorfose***

O grande choque alteritário trazido na trama do livro constitui-se pelo fato de o personagem principal ter uma aparência animalesca, que o separa do universo dos humanos ditos típicos. Logo nas primeiras páginas, Kafka descreve a transição para um corpo que precisa se adaptar por não mais corresponder às funções que outrora desempenhava. A metamorfose coloca Gregor em uma nova condição de existência: uma pessoa que está dentro de um corpo que não é perfeito.

Essa situação permite-nos estabelecer um paralelo com o que ocorre com muitas pessoas que não possuem um corpo hegemonicamente idealizado, que saem do padrão da normalidade e que, muitas vezes, são interpretadas como pessoas incompletas e vistas por suas deficiências e pela sua improdutividade. Em detalhes, Kafka revela-nos as angústias de Gregor e faz com que reflitamos sobre a problemática (de ordem social) que envolve as pessoas que vivem nessa condição.

O conceito de deficiência, conforme já defendido no início do século XX por Lev Semionovitch Vigotski (1997) – e endossado por autores contemporâneos, tais como Débora Diniz (2006), David Le Breton (2010) e Gustavo Piccolo (2015) –, está intimamente relacionado ao sistema social vigente. Ele, portanto, está balizado por critérios culturais de rendimento e de uma concepção de normalidade pautada na noção de inferioridade: a desvantagem de tais sujeitos frente a um grupo social majoritário.

Sob esse contexto, a pessoa com deficiência é colocada o mais distante possível da representação de normalidade e de convívio social pleno, sobretudo se a deficiência se manifesta pública ou visivelmente. Aqueles considerados com deficiência não se inserem nos padrões convencionais de desenvolvimento e são concebidos culturalmente como sujeitos incapazes de viverem plenamente em sociedade (Le Breton, 2010; Vigotski, 1997).

Aspectos semelhantes podem ser observados na metamorfose de Gregor. O tempo todo lhe é negado o convívio com seus pares, e o acesso aos bens culturais é limitado, para não dizer inexistente. As investidas de rompimento contra essa lógica excludente são sumariamente suprimidas por mecanismos de violência física e/ou simbólica que, a todo momento, demarcam que o lugar daquilo que se considera anormal é o asilamento. No trecho a seguir, observamos essa situação: “quando o pai desferiu, por trás, um golpe agora de fato possante e libertador e ele voou, sangrando violentamente, bem para dentro do seu quarto. A porta foi fechada ainda com a bengala, depois houve por fim silêncio” (Kafka, 2017, p. 36).

A violência vivida por Gregor, culminando em seu assassinato, é o resultado de interações sociais injustas e pouco sensíveis à diversidade. A discriminação, ou seja, a tentativa de afastamento daqueles considerados desviantes do mundo da dita normalidade, fundamenta-se na negação do outro, colocando-o à margem dos direitos sociais e dos bens culturais.

Temos, aqui, um outro paralelo analítico interessante: o relacionamento do protagonista com seus pares focaliza o inseto monstruoso, apagando subjetivamente Gregor. Nessa linha argumentativa, Le Breton (2010) explica que, nas sociedades ocidentais capitalistas, a deficiência transfigura-se em um estigma, como uma característica sutil de avaliação negativa do sujeito. “Fala-se de ‘deficiente’ como se em sua essência o homem fosse um ser ‘deficiente’ ao invés de ‘ter’ uma deficiência” (Le Breton, 2010, p. 74).

Nesse contexto, as pessoas com deficiência são representadas de forma que fique destacada a deficiência (a doença, a síndrome, a deformidade, a falta), e não a pessoa em si. Gregor, por exemplo, é o inseto monstruoso, de ventre abaulado, marrom, dividido por nervuras arqueadas. As alterações corporais do personagem são demarcadas de forma excessiva e pormenorizada pelo autor. Porém, em determinada parte do texto, há um tensionamento do corpo considerado monstruoso às tensões relacionais. Gregor deixa de ser uma pessoa e passa a ser um *desviante*, perdendo sua dignidade e sua própria identidade. Ou seja: “Mas como é que pode ser Gregor? Se fosse Gregor, ele teria há muito tempo compreendido que o convívio de seres humanos com um bicho assim não é possível e teria ido embora voluntariamente” (Kafka, 2017, p. 78).

A este respeito, as teorizações de Erving Goffman (1988) – ainda bem contemporâneas – entrecruzam-se com as de Le Breton (2010); as marcas da diferença colocam as pessoas com trajetórias não hegemônicas de desenvolvimento à margem da vida social e fora do universo comum dos ditos humanos. Afirma Goffman: “Por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida” (1988, p. 15).

Como afirma Elizabeth Tunes (2007), o termo “deficiência” (em si) – usado para definir um sujeito que apresenta características ou aspectos peculiares – já se configura como um (pre)conceito. Sendo o seu significado associado sempre à falta parcial, transitória ou absoluta de alguma capacidade ou habilidade (física, sensorial ou intelectual), ao ser atribuído a uma pessoa, transforma-a em alguém cujo funcionamento (ou desempenho esperado) sempre será inferior. Isso decorre,

principalmente, das baixas expectativas sociais cuja base é a crença de que as diferenças apresentadas por esses sujeitos são impeditivos e transformam-se em incapacidades que não se coadunam ao produtivismo capitalista (Pletsch, 2009). Gregor, por exemplo, quando percebe seu corpo transformado, fora dos padrões hegemônicos esperados em seu contexto sociofamiliar, tenta se esconder. Ele tem medo da reação do outro mediante sua inusitada aparência, sentindo-se confuso quanto a sua nova forma de ser e estar no mundo. Após sua metamorfose, ele passa a se confrontar com a experiência da exclusão diária. Ao ser privado do convívio familiar e social, ele percebe, ao escutar a voz da mãe, que há algum tempo não ouvia,

(...) que a falta de conversação direta com qualquer ser humano, durante os dois últimos meses, aliada à monotonia da vida em família, lhe deviam ter perturbado o espírito... Queria, efetivamente, que o quarto acolhedor, tão confortavelmente equipado com a velha mobília da família, se transformasse numa caverna nua onde decerto poderia arrastar-se livremente em todas as direções, à custa do simultâneo abandono de qualquer reminiscência do seu passado humano? (Kafka, 2017, p. 37).

Assim como Gregor, as pessoas com trajetórias não hegemônicas de desenvolvimento (muitas consideradas deficientes) não correspondem ao modelo biologicamente perfeito, produtivo e eficiente. Aqueles que, como Gregor, não apresentam características consideradas necessárias à manutenção do sistema de produção capitalista, em razão de suas peculiaridades desenvolvimentais, acabam se tornando obsoletos para as suas famílias e para sociedade, permanecendo assim à margem de um efetivo processo de inclusão social (Mendonça & Silva, 2015).

Podemos perceber que os familiares ou pessoas do convívio de Gregor nem sequer tentam compreender o que efetivamente estava ocorrendo com ele. Não buscam escutá-lo e evitam qualquer tipo de contato ou conversa. Como podemos observar, na medida em que vivencia a exclusão em suas relações familiares e sociais, o próprio Gregor vai abdicando de sua condição humana e da necessidade de socialização, naturalizando o fato de ter se constituído em um estorvo ou um fardo constante para todos. Ele conclui que “devia deixar-se estar e, usando de paciência e do mais profundo respeito, auxiliar a família a suportar os incômodos que estava destinado a causar-lhes nas condições presentes” (Kafka, 2017, p. 14).

Nessa linha, a relação de Gregor ilustra o que ocorre com muitas pessoas que estão vivendo à margem da vida plena em sociedade: uma interação social marcada por uma “tragédia pessoal, algo indesejável, uma expressão do corpo abjeto” (Diniz, 2006, p. 80). O conceito de abjeção é discutido, na contemporaneidade, pela filósofa Judith Butcher, que o relaciona a todo tipo de corpos cujas vidas e demandas não têm

importância no ambiente social-ideológico e cuja existência é considerada como secundária e improdutiva (Prins & Meijer, 2002).

Por diversos mecanismos, há o apagamento objetivo dessas subjetividades, e demarca-se que nesses sujeitos “é sua própria humanidade que se torna questionada” (Butler, 2001, p. 161). Aspecto semelhante pode ser notado na história de Gregor: “logo passou raspando sua cabeça e rolou até um pouco mais à frente: era uma maçã, logo seguida de outra. Temeroso, Gregor deteve-se, considerando inútil continuar correndo, pois o pai havia decidido bombardeá-lo” (Kafka, 2017, p. 52). Em suma, corpos abjetos são aqueles não encaixáveis nas estruturas hegemônicas de normalidade. Ora, é justamente isso que Gregor experimenta, e a sua morte é recebida sem grande comoção e com certo alívio por seus familiares. Na fatídica data, eles “decidiram dedicar o dia ao repouso e ao passeio” (Kafka, 2017, p. 82).

## Considerações finais

Em *A metamorfose*, Kafka descreve um homem, Gregor, que acorda metamorfo-seado em um inseto. Seu novo corpo traz dificuldades para realização de movimentos simples, como abrir uma porta. Gregor passa a viver excluído do mundo e sozinho no seu quarto. Além do total isolamento, sofre violências psíquicas constantes e até agressões físicas.

Até esse dia, Gregor era um caixeiro-viajante desgostoso e com conflitos internos concernentes às relações no trabalho. Kafka faz clara alusão às opressões vividas pela classe operária no sistema capitalista do início do século XX. É evidente, por exemplo, a relação de uso e troca presente no texto em que o trabalhador (Gregor), além de não se reconhecer no trabalho que realiza, é uma *peça* facilmente substituível da engrenagem. Nesse quadro geral, exploramos a condição vulnerável de Gregor como um trabalhador do sistema capitalista, os efeitos perversos da metamorfose com seus pares e como isso tudo se articula com uma determinada concepção de desenvolvimento e de normalidade.

Numa primeira visada, parece-nos que a metamorfose de homem em bicho não é o grande chamariz da narrativa, e sim as relações sociais que se estabelecem a partir do grande acontecimento. Gregor, inclusive, não demonstra preocupação com sua nova forma, mas o faz com sua demissão e as dívidas da família. Contudo, um olhar mais atento revela maior complexidade na metamorfose (de homem para inseto): a perda de sentido de Gregor sobre o seu trabalho – que se estende ao estranhamento e à alienação sobre sua relação com o mundo e consigo mesmo –,

que pode ser observada nas contradições objetivas e (também) subjetivas. Nessa perspectiva, nossa ênfase (mesmo que indagativa) dirige-se à condição de vida concreta do personagem principal, entremeada às questões de trabalho consolidadas nos processos de alienação derivados do próprio sistema capitalista.

Num desdobramento, a metamorfose também possibilitou-nos abordar o sofrimento de Gregor e compará-lo ao que é vivido pelas pessoas com trajetórias não hegemônicas de desenvolvimento: a sensação de estar em um corpo considerado *objeto*, improdutivo e marginalizado das relações sociais de produção no sistema capitalista.

Ao ser transformado em um inseto, Gregor vive experiências inimagináveis, que exigem uma reconfiguração profunda de suas relações consigo mesmo e com o mundo. Aqui, a exclusão social e a marginalização dos considerados fora da norma é tomada em toda a sua dramaticidade. Não se reduz, portanto, a uma questão individual, mas sim diz respeito ao direito ao desenvolvimento integral de qualquer ser humano. Disso decorre a seguinte conclusão: ou bem vivemos plenamente como humanos ou, se permanecermos alienados, viveremos como insetos.

## Referências

- Alcântara, N. (2014). *Lukács: ontologia e alienação*. Instituto Lukács.
- Antunes, R. (2004). *A dialética do trabalho*. Expressão Popular.
- Butler, J. (2001). Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In G. L. Louro, O *corpo educado: pedagogias da sexualidade* (pp. 151-172). Autêntica.
- Cerqueira, N. (2005). *A crítica marxista de Franz Kafka*. Caras.
- Diniz, D. (2006). *O que é deficiência*. Brasiliense.
- Goffman, E. (1988). *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Guanabara.
- Húngaro, E. M. (2008). *Trabalho, tempo livre e emancipação humana: os determinantes ontológicos das políticas sociais de lazer* (Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Repositório da Produção Científica e Intelectual da Unicamp). Disponível em <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/433982>
- Kafka, F. (2005). *O processo*. Companhia das Letras.
- Kafka, F. (2017). *A metamorfose*. Companhia das Letras.
- Le Breton, D. (2010). *A sociologia do corpo*. Vozes.
- Lessa, S. (2012). *Mundo dos homens: trabalho e ser social*. Instituto Lukács.
- Marx, K. (2014). *Manuscritos econômico-filosóficos*. Boitempo.
- Mendonça, F. L. R. (2018). *Atividade criadora e a sua dimensão ontológica: significados partilhados e sentidos produzidos no trabalho docente* (Tese de doutorado, Universidade de Brasília, Repositório Institucional da Universidade de Brasília). Disponível em <http://repositorio2.unb.br/jspui/handle/10482/32431>

- Mendonça, F. L. R., & Silva, D. N. H. (2015). *Formação docente e inclusão: para uma nova metodologia*. Appris.
- Piccolo, G. M. (2015). *Por um pensar sociológico sobre a deficiência*. Appris.
- Pletsch, M. D. (2009). *Repensando a inclusão escolar de pessoas com deficiência mental: diretrizes políticas, currículo e práticas pedagógicas* (Tese de doutorado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro).
- Prins, B., & Meijer, I. C. (2002). Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. *Revista Estudos Feministas*, 10(1), 155-167. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100009>
- Tonet, I. (2005). *Educação, cidadania e emancipação humana*. Unijuí.
- Tunes, E. (2007). Preconceito, inclusão e deficiência: o preconceito no limiar da deficiência. In E. Tunes & R. Bartholo, R. (Orgs.), *Nos limites da ação: preconceito, inclusão e deficiência* (pp. 51-56). EdUFSCar.
- Vázquez, A. (1968). *As ideias estéticas de Marx*. Paz e Terra.
- Vigotski, L. (1997). *Obras Escogidas V - Fundamentos de Defectologia*. Machado Nuevo Aprendizaje.